

Sumário

Apresentação – <i>Valéria Amorim Arantes</i>	7
---	----------

PARTE I – Educação formal e não-formal	13
---	-----------

Jaume Trilla

Elie Ghanem

A educação não-formal – *Jaume Trilla*

Introdução	15
Contexto e fatores do desenvolvimento da educação não-formal	16
O contexto real	19
O contexto teórico	21
O conceito de educação não-formal	29
O universo educacional e os adjetivos da educação	29
Origem da expressão	31
Tripartição do universo educacional e definição de educação não-formal	33
Âmbitos da educação não-formal	42
Relações entre a educação formal, a não-formal e a informal	44
Interações funcionais	45
Intromissões mútuas	49
Permeabilidade e coordenação	51

Epílogo.....	53
Referências bibliográficas.....	55

Educação formal e não-formal: do sistema escolar ao sistema educacional – Elie Ghanem

Dois campos de uma realidade fragmentada	59
Conquistas e limitações da educação formal.....	67
Dinamismo e desorientação da educação não-formal	71
Apenas educação: um amplo sistema educacional	77
Referências bibliográficas.....	87

Parte II – Pontuando e contrapondo..... 91

Jaume Trilla

Elie Ghanem

Parte III – Entre pontos e contrapontos..... 135

Jaume Trilla

Elie Ghanem

Valéria Amorim Arantes

Apresentação

Váléria Amorim Arantes¹

“Na educação que denominamos não-formal ou assistemática, a matéria do estudo encontra-se diretamente na sua matriz, que é o próprio intercâmbio social. É aquilo que fazem e dizem as pessoas em cuja atividade o indivíduo se acha associado. Este fato dá uma chave para a compreensão da matéria da instrução formal ou sistemática.”

John Dewey (1859-1952)²

A defesa de uma interação, coordenação, articulação, complementaridade entre aquilo que se nomeia “educação formal” e “educação não-formal” é a linha mestra do livro que ora lhes apresento.

1 É docente da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e coordenadora do Ciclo Básico da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

2. Dewey, J. *Democracia e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959, p. 199.

Tal idéia evoca o pensamento de Dewey, que, comprometido com a educação progressista e políticas democráticas, desde o século XIX criticou veementemente dualismos como teoria e prática, público e privado, indivíduo e grupo, métodos e matérias escolares, meios e fins etc. Assumindo a perspectiva de que a escola deve ser a vida e não a preparação para a vida, Dewey defendeu que, para além da compreensão, a instituição escolar deveria promover transformações para uma melhor ordem social. Nesse sentido, cabe à escola fomentar, com vistas à preparação para a democracia, oportunidades para que seus atores e atrizes participem ativa e efetivamente da vida democrática.

Isso nos remete à epígrafe que escolhemos para esta apresentação: a chave para a compreensão da instrução “formal” está naquelas experiências vividas durante as atividades “não-formais”. Se assim for, podemos entender que as idéias ou valores se originam das circunstâncias práticas da vida humana, e, portanto, a instituição escolar deve facilitar a elaboração dessas experiências.

De um modo ou de outro, tais idéias permeiam as reflexões contidas na presente obra, intitulada *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. Defender um *continuum* entre as ações e experiências vividas nessas duas esferas da educação – formal e não-formal –, bem como rechaçar a cisão existente entre elas, é o ponto de partida e de chegada do diálogo construído entre os autores Jaume Trilla, professor catedrático da Universidade de Barcelona (Espanha), e Elie Ghanem, professor da Universidade de São Paulo.

Educação formal e não-formal é o quinto livro da coleção *Pontos e contrapontos*. Sua organização segue a proposta editorial da referida coleção, que, visando à promoção de um debate acadêmico e

científico sobre temas educacionais candentes, pressupõe que cada livro é construído em três etapas diferentes e complementares. A primeira delas, correspondente à Parte I, está composta por artigos originais dos autores e especialistas convidados para debater sobre a temática em questão. Para tanto, foi solicitado a cada um que produzisse um texto apresentando e sustentando seu ponto de vista sobre o tema da obra. Dada a *liberdade* que lhes foi sugerida para a escrita desses textos – consoante os princípios da coleção –, eles têm um caráter teórico, de aprofundamento e reflexão sobre diferentes aspectos dos campos formal e não-formal do sistema educacional.

A segunda etapa do trabalho, cujo produto compõe a Parte II da obra, consistiu em que cada um dos autores, após leitura e análise crítica do texto de seu parceiro de diálogo, elaborou quatro questões contemplando suas eventuais dúvidas e/ou discordâncias das idéias nele contidas. De posse de tais questões, era o momento de o autor esclarecer, explicar, defender, demarcar, rever, repensar e/ou reconsiderar seu texto, com o objetivo claro de pontuar suas idéias e/ou contrapor as colocações de seu interlocutor.

A terceira e última etapa do trabalho é composta por quatro questões por mim elaboradas – como coordenadora da coleção e mediadora do diálogo – e comuns para os dois autores. Tais questões têm por objetivo retomar pontos convergentes e divergentes do diálogo estabelecido, bem como acrescentar a ele novos conceitos, a fim de “engrossar o caldo” das discussões feitas até aquele momento. Elas compuseram, com as respostas dos autores, a Parte III da obra – Entre pontos e contraponos.

Na primeira parte do livro, quando Trilla e Ghanem discorreram livremente sobre o que lhes foi solicitado, apesar de trilharem

caminhos diferentes, o(a) leitor(a) notará que alguns pontos em comum emergem de seus escritos. Enquanto Trilla centrou suas reflexões no conceito de educação não-formal, Ghanem optou por discorrer sobre essas esferas da educação em questão – formal e não-formal – que, como ele mesmo demarca no título de seu texto, tratam de *dois campos de uma realidade fragmentada*. No entanto, ambos parecem vislumbrar um sistema educacional aberto e flexível, que conjugue o formal e o não-formal. Um sistema, em suas opiniões, mais democrático.

O texto de Trilla está dividido em três momentos: no primeiro, o autor discorre sobre o contexto e os fatores que nas últimas décadas propiciaram o crescimento da educação não-formal, no segundo a conceitua e no terceiro momento estabelece relações entre educação formal e outras áreas do universo educacional. Por fim, demonstrando certa prudência, deixa seu recado para o(a) leitor(a): “[...] a educação não-formal não é nenhuma panacéia! É tão maniqueísta projetar toda a culpa educacional na escola quanto supor que a educação não-formal é uma poção mágica e imaculada”.

Ghanem inicia seu texto com um breve histórico sobre educação formal e educação escolar para, em seguida, demarcar sua visão de como a separação entre o formal e não-formal é estanque. A partir daí, baseando-se principalmente na realidade brasileira, lança idéias, reflexões e considerações sobre tal fenômeno, instigando-nos a pensar e repensar vários aspectos desses dois lados do sistema educacional. A segunda parte do texto está centrada nas conquistas e limitações da educação formal; e a terceira parte, sobre o suposto dinamismo e desorientação da vertente não-formal da educação. Com esse percurso, o autor prepara o

terreno para retomar sua idéia inicial – da nítida separação entre o formal e o não-formal –, fazer uma análise política e social de tal separação e chegar ao ponto que lhe é tão caro: a busca de um sistema que ultrapasse a educação escolar e o integre proveitosamente com as demais práticas educacionais. Para Ghanem, tal busca só será alcançada pela luta por políticas educacionais de grande amplitude e requer, necessariamente, mudanças nos dois campos em questão.

Na segunda parte do livro – Pontuando e contrapondo –, Trilla retoma pontos relevantes e nevrálgicos do texto de Ghanem e lhe solicita que sinalize, então, como constituir um sistema educacional complexo como aquele sugerido em seu texto inicial. Colocando em questão as relações e a suposta *indiferenciação* entre o político e o pedagógico defendidos por Ghanem, indaga-lhe sobre as diferenças ideológicas existentes entre as esferas formal e não-formal no contexto educacional brasileiro e incita-o a pensar como a educação não-formal poderia contribuir para o processo de democratização do sistema educativo brasileiro.

Ghanem também retoma questões instigantes e controversas abordadas por Trilla. Tendo como foco a busca de relações de complementaridade entre os diferentes tipos de educação – formal, não-formal e informal –, propõe a Trilla que discorra sobre aquelas forças que atuam favorecendo a convergência entre os diversos agentes educacionais. Mais ainda, incita-o a pensar numa perspectiva na qual, em nome de uma *co-responsabilidade*, se abandone a fixação de funções para cada agente educacional, que seria substituída por uma diferenciação entre seus respectivos atributos e capacidades. Nessa direção, desafia seu parceiro quando coloca em causa o caráter formal da educação escolar, indagando-lhe se

este não se oporia à dita *qualidade e pertinência pessoal e social da aprendizagem*, defendidas por Trilla.

Em meio a esse fervoroso diálogo, as questões por mim elaboradas na terceira e última parte do livro – Entre pontos e contrapontos – vislumbraram maior aproximação entre as práticas educativas e os aspectos teóricos debatidos até aquele momento, bem como promover reflexões sobre questões recorrentes e polêmicas na sociedade contemporânea como, por exemplo, o conceito de educação a distância. Ora, colocar em pauta o “lugar” e o “papel” dessa modalidade da educação parece-me de grande valor para a democratização do nosso sistema educacional.

Finalmente, cumpre-me dizer que, para além de muito trabalho, a produção desta obra – processo que desde sua concepção até sua conclusão durou mais de um ano – é fruto de grande disposição para o *intercâmbio social*, como diria Dewey, bem como para o intercâmbio intelectual. Mas, acima de tudo, é fruto de um enorme comprometimento com a busca de uma educação democrática. Esperamos que ela cumpra seu papel e contribua para a promoção de uma ordem social que supere as desigualdades sociais e favoreça a construção de um sistema educacional que respeite os direitos de todos e todas.

PARTE I
Educação formal
e não-formal

Jaume Trilla
Elie Ghanem

A educação não-formal

Jaume Trilla

Introdução

No século XVIII, o barão Charles de Montesquieu dizia que “recebemos três educações diferentes, ou contrárias: a de nossos pais, a de nossos mestres e a do mundo. O que nos é dito nesta última contraria todas as idéias das primeiras” (1951, p. 266). A frase do autor de *O espírito das leis* é perfeita para abrir nosso texto. Em apenas três linhas aparecem várias idéias que desenvolveremos neste trabalho: primeiro, ela sugere a amplitude e a variedade do processo educacional; segundo, propõe uma espécie de “classificação” dos tipos de educação; terceiro, afirma a preponderância de uma delas, a que ele chama “do mundo”. Se, em vez de ter vivido no século XVIII, Montesquieu tivesse vivido em nossos dias, ele certamente

acrescentaria às três educações citadas (a dos pais, ou familiar; a dos mestres, ou escolar, e a “do mundo”) uma quarta: a chamada *educação não-formal*. Isto é, um tipo de educação que não provém da família, não consiste na influência, tão difusa quanto poderosa, que se dá no relacionamento direto do indivíduo com “o mundo”, nem é aquela que se recebe no sistema escolar propriamente dito.

É dessa educação “não-formal” que trataremos. Primeiro dedicaremos algumas páginas à apresentação do contexto e dos fatores que propiciaram o crescimento desse tipo de educação nas décadas mais recentes. A segunda e a terceira partes tratarão, respectivamente, do conceito de educação não-formal e de suas relações com outras áreas do universo educacional. O texto se encerra com uma breve reflexão crítica que visa a atenuar certa ingenuidade ou confiança excessiva na educação não-formal.¹

Contexto e fatores do desenvolvimento da educação não-formal

Evidentemente, a educação não escolar sempre existiu. Contudo, é certo que, sobretudo a partir do século XIX – quando a esco-

1. O conteúdo deste texto deriva de outras publicações anteriores, que desenvolvem mais largamente alguns aspectos que aqui só pudemos apontar. Alguns de nossos trabalhos sobre essa temática são: Trilla, 2000, p. 125-144; “Extraescuela. Otros ámbitos educativos”. In: *Cuadernos de Pedagogía* n° 253, dez. 1996, p. 34-41; Trilla, 1993; Trilla, 1992, p. 9-50; Trilla, 1986; “La educación no formal”. In: Sanvisens, A. (ed.) *Introducción a la pedagogía*. Barcelona: Barcanova, 1984, p. 337-365.